**O LEGÍTIMO ESTÍMULO DA COVID-19 PARA A TRANSFORMAÇÃO DIGITAL**

*Por Wesley Vaz[[1]](#footnote-1)
23/04/2020*

A transformação que a covid -19 trouxe se iniciou no momento em que combater a doença se tornou a necessidade mundial prioritária. O motivo mais singelo e simplista, a essência do argumento: sobreviver. Nossa programação genética é feita para reagir a ameaças vitais, o que fez da covid uma crise concreta, objetiva, a mais importante de uma geração.

Para que a transformação digital seja usada como uma estratégia efetiva de sobrevivência, a ameaça precisa estar clara e ser compreendida por todos. Se compreendermos que esse mesmo risco a vida está presente sutilmente em outras áreas do conhecimento, a transformação digital será cada vez mais concreta e realista.

Dos diversos problemas a resolver para enfrentar a crise, muitos deles têm sido atacados com o auxílio da tecnologia: algoritmos, testes de campo, sistemas integrados. Contudo, a crise passará sem que tudo seja resolvido da melhor maneira, mesmo com a tecnologia, e lamentaremos.

Há o risco de se concluir que a transformação digital das instituições durante a pandemia se resumiu ao aumento da interação remota, do teletrabalho, de novos aplicativos de acesso aos cidadãos ou novos métodos de pagamento de benefícios. A autorização para telemedicina e compras compartilhadas de insumos contra a crise, recém regulamentadas pelo governo, já poderiam ter surgido antes. Soluções como essas não são viabilizadas somente pela maturidade da tecnologia e pelo preparo técnico, mas sim pela urgência que a necessidade impôs.

Embora fundamentais, as tecnologias devem, além de ajudar a resolver os problemas graves e que vivemos agora, nos preparar para os próximos. O risco é que a transformação digital associada aos processos de gestão da pandemia possa ser interrompida quando a percepção da necessidade e urgência diminuir. E se isso acontecer, o aprendizado terá sido perdido e haverá retrocesso.

O aspecto digital mais relevante da crise até agora não vem da tecnologia em si, mas do reconhecimento do valor da informação, da constatação de que a saúde de cada um importa na saúde de todos. **As informações sobre nós mesmos são muito valiosas para as corporações globais baseadas em informação, mas também o são para a coletividade.** Tratar, processar, armazenar e custodiar essas informações exige preparo e responsabilidade dos governos para cumprir o seu papel com competência e total transparência, segundo as regras vigentes e com todos os direitos e garantias individuais e coletivas preservadas.

O Estado, instituição que passa por uma crise de confiança no mundo todo, é fundamental para a solução dessa pandemia. A transformação digital também é de transparência e de decisões com base em evidências, que podem se tornar instrumentos de aumento de credibilidade do Estado perante os cidadãos.

**Além disso, mesmo com o uso intensivo da tecnologia para resolver problemas da covid -19, a transformação digital nunca estará completa, pois se trata de um processo contínuo.**

Grandes corporações digitais, responsáveis por redefinir mercados, se colocam diariamente em posição de ameaça, revisitando frequentemente suas estratégias de futuro. A Amazon por exemplo, a maior varejista americana, aumenta seus gastos de pesquisa em desenvolvimento ano após ano (US$ 36 bilhões somente em 2019), buscando na mudança e na transformação a sua estratégia para sobreviver no futuro. É um processo de se “transformar digitalmente” todos os dias, não em um susto pontual.

Estar pronto para a próxima grande necessidade é quase tão importante quanto sair da crise. **O futuro imediato pós- covid deverá trazer um aumento do senso de alerta, a quebra de barreiras em relação à produção e ao uso de tecnologia e mais coragem para reconhecer a necessidade de aprender mais sobre os problemas de alcance nacional e global.**

Se pandemias como essa ocorrem a cada geração, é bom lembrar que o Brasil vive desde sempre várias epidemias. Espalhadas por populações e regiões específicas, muitas vezes ignoradas pelo senso de urgência da mídia e que, se não gerenciadas adequadamente, serão forte candidatas a se transformarem em problemas mais graves.

As epidemias da qualidade da educação, da crise de segurança, do meio ambiente e da desigualdade, por exemplo. Dentro de cada uma, complexidade, discordâncias e interesses conflitantes limitam a efetividade e a seriedade do investimento em mudanças disruptivas. Para os que não estão infectados ou afetados por esses problemas, não há ameaça direta à vida, o que limita a sensação de necessidade urgente. É um equívoco, para muitos casos. **As transformações de ruptura não podem surgir somente em ambientes de pandemia.**

Como construir, para cada problema nacional grave, um senso de urgência similar ao que temos em ambiente de pandemia? Como convencer que alguns números nacionais (educação e desigualdade, por exemplo) equivalem a uma crise epidêmica de gerações, que ameaça lentamente vidas e futuros de todos, direta ou indiretamente? Como reconhecer a necessidade que a força de trabalho e o mercado brasileiros se preparem para o novo capitalismo pós- covid , para a indústria de produtos e serviços digitais, e que temas como inteligência artificial avancem para que o país não se infecte com a epidemia de irrelevância global?

Não será preciso torcer para que novas transformações venham a força, quando novas epidemias surgirem. Infelizmente, elas já estão aqui. É preciso reconhecer que o impacto delas também pode custar muitas vidas e determinar o futuro próspero (ou não) das pessoas.

E que a transformação digital estimulada pelo enfrentamento à covid -19 se mantenha ativa, que auxilie em outras epidemias crônicas e que não acabe quando a pandemia terminar.

1. Servidor público federal, profissional certificado em estratégia e inovação pelo MIT e mestre em Ciência da Computação pela Unicamp. Co-autor do livro “A descomplicada contratação de TI na Administração Pública”. [↑](#footnote-ref-1)